

O DESEMBARGADOR e o MENDIGO

A morte nos iguala

Da série: Antonio, o homem que limpava cadáveres

Autora: Renata Soltanovitch

(Janeiro/2016)

O Desembargador e o mendigo

Da série: – Antonio, o homem que limpava cadáveres

Autora: Renata Soltanovitch

O Desembargador e o mendigo

Da série: Antonio, o homem que limpava cadáveres

Prefácio

A morte nos iguala.

Dedicatória

Aos meus, aos seus e a todos os antepassados.

O Desembargador e o mendigo.

da série: Antonio, o homem que limpava cadáveres

O SACO PRETO PARA OS CORPOS

Caso alguém tenha dúvidas nas palavras do início do conto, pode acreditar que a morte nos iguala.

Já era tarde da noite, mas lá estavam os corpos inertes do Desembargador Artur com todos os seus diplomas e honrarias e do mendigo, ambos estendidos no chão, atrapalhando o trânsito e aguardando a perícia e o rabeção do IML.

Os corpos dos dois seriam transportados no mesmo tipo de saco preto e seriam levados lado a lado em uma das gavetas, na porta traseira do veículo até o IML à serviço da necropsia, para liberação dos corpos e preparação dos respectivos enterros.

Aliás, o título de Desembargador só acelerou a vinda do carro do IML. Nada mais.

A espera foi de apenas uma hora, em vez das habituais doze horas para a chegada do veículo que transportava corpos e conseqüentemente para a realização da perícia.

Os corpos do Desembargador e do mendigo seriam deixados na área externa do setor de necropsia, até que o funcionário responsável pelo recebimento dos corpos recolhesse a guia de remoção dos cadáveres e iniciasse os procedimentos necessários, inclusive com anotação no livro de óbitos.

Embora se tratasse de um Desembargador (morto, é verdade), uma placa de metal seria amarrada tanto no seu dedão, quanto na do mendigo.

Fotos seriam tiradas dos corpos para serem inseridas no computador, permanecendo assim no arquivo de evidências criminais. Afinal, era apenas corpos!

Embora parcialmente carbonizados, foi necessário que ambos os corpos fossem lavados e cortados, para

que fosse feita toda a perícia e até mesmo a constatação de identificação dos corpos, mesmo sabendo que um deles era de um Desembargador.

Enquanto eram lavados, o perfume importado e caro do Desembargador ainda exalava no ambiente.

Uma fralda precisou ser colocada no corpo do Desembargador, enquanto se esperava o chefe da perícia chegar.

Já com relação ao mendigo, de qualquer maneira, ninguém sabia sua história nem mesmo que ele se chamava Robércio e o que fez estar perto do Desembargador no momento em que seus corpos foram carbonizados.

Aliás, a perícia nem mesmo sabia o que havia acontecido.

O ACIDENTE

Já passava das 21 horas de uma sexta-feira quando o Desembargador Artur deixou seu gabinete naquela rua escura, sem muito policiamento. Aliás, aquele centro de São Paulo estava, há muito tempo, abandonado pelas autoridades.

No entanto, para retornar à sua residência, onde sua esposa o aguardava após reclamar mais de mil vezes para ele não trabalhar tanto, principalmente até tarde da noite, seria necessário passar pela rua Conselheiro Furtado¹, a caminho do bairro da Aclimação, onde residia.

O Desembargador Artur não entendia por que tantos mendigos e usuários de droga transitavam naquele pedaço.

Segundo o seu assessor de gabinete, Alexandre, a explicação se resumia ao fato de que, no passado, aquela região abrigara um dos primeiros cemitérios

¹ Que deveria se chamar Rua Conselheiro Roubado ou para quem preferir, Conselheiro Assaltado. Aliás, para quem não sabe, Conselheiro Furtado era um delegado de polícia. Seu nome de batismo era Francisco Maria de Souza Furtado de Mendonça.

da cidade, onde foram enterrados escravos, negros, forasteiros e descumpridores da lei. Assim, como assombração, seus espíritos rodeavam o lugar e então atraíam pessoas com o mesmo sentimento de inconformismo.

É verdade que isto ocorreu no período colonial, mas a região onde estava o gabinete do Desembargador havia chácaras com escravos que, descumpridores da ordem do capataz, eram açoitados ali mesmo.

O largo da Liberdade, onde está o metrô, no passado bem distante – ano aproximado de 1822 - era o largo da Forca, onde se enforcavam os descumpridores da lei – daí o nome.

Na Igreja das Almas, bem ao lado do largo da Liberdade, os supostos criminosos ficavam ali dentro, aguardando a vez de serem executados.

Para quem sai do metrô e desce pela rua dos Estudantes, entre a rua da Glória e a rua Galvão Bueno, passará bem em cima de um dos primeiros cemitérios de São Paulo.

Dizem que, ao fechar o cemitério, grande parte das ossadas não foi removida. Isso significa, para quem acredita, que os espíritos daqueles corpos continuam vagando pela região.

Só poderia ser isso, já que são bairros tão turístico – Liberdade e Centro de São Paulo - com casarões históricos, são tão esquecidos e desprezados pelas autoridades.

E foi justamente nesta rua Conselheiro Furtado, em frente a um boteco, que o veículo do Desembargador Artur parou por causa de uma pane e depois começou a pegar fogo.

No primeiro momento, não parecia ser nada demais.

Marta, uma usuária de drogas, que num passado não muito distante era uma bela mulher que cantava em bares, acabou se envolvendo com um usuário de drogas e pelas ruas acabou ficando de tanto consumir pedras de crack, cantou, com o restante da bela voz, um trecho da música composta por Ivete Sangalo e Nina que dizia:

“Quer andar de carro velho amor, que venha, pois amar a pé, amor, é lenha”.

Os demais transeuntes até acharam graça, mas logo em seguida as chamas do veículo foram ficando mais intensas e, embora alguns insistissem em ligar para o Corpo de Bombeiros, apenas Arnaldo, o dono do bar, conseguiu completar a ligação e explicar o que estava acontecendo depois de dez minutos de tentativa.

No entanto, por conta dos trotes que os Bombeiros recebem diariamente, o atendente fez um interrogatório para saber se era verdadeiro o pedido de socorro.

As pessoas que estavam no bar, mais de fogo que o próprio veículo do Desembargador Artur, tentavam ajudar com copos de água, mas foi um mendigo que por ali passava com sua carroça que largou tudo para retirar do carro o Desembargador que tentava, sem sucesso, pegar o extintor de incêndio que estava embaixo do banco.

E foi nesta hora que o carro explodiu e tanto o Desembargador como o mendigo acabaram morrendo,

exalando uma fumaça muito tóxica e estranha que surgiu logo após a explosão.

Como disse Arnaldo para o atendente telefônico, que poderia dispensar o Corpo de Bombeiros e já chamar o carro do IML.

O LOCAL DO CRIME e a APURAÇÃO dos FATOS. A PERÍCIA

Os corpos parcialmente carbonizados era um fato.

O delegado da 1ª DP, que ficava a poucas quadras dali na rua da Glória, sabia quanto isto lhe causaria de trabalho, mas com todo o seu conhecimento como polícia, pressentiu de que se tratava de um homicídio e não de um simples acidente em que o luxuoso veículo do Desembargador simplesmente pegou fogo.

Não teve dúvidas. Acionou a delegacia de homicídios – o DHPP – para participar da perícia e lavratura do boletim de ocorrência.

Não demorou nem uma hora, quando a sirene do veículo da perícia se ouvia de longe.

Olhos curiosos circundavam a cena do crime, o que fez com que o motorista que dirigia a viatura reduzisse a velocidade evitando um atropelamento, embora a pressa era imensa para evitar o perecimento da prova pericial, quebrando, assim, a cadeia de custódia.

Embora tivesse reduzido a velocidade, isto não impediu de dar uma freada repentina para evitar atropelar um rapaz, totalmente embriagado que resolvera atravessar a rua bem no meio dela, sem sequer se lembrar da existência da faixa de pedestres, já um tanto quanto apagada, é verdade.

Após o susto e praticamente descabelada, a novata perita Rose, vestida de pretinho básico, mas com um belo sapato alto de sola vermelha escarlate da mesma cor do seu batom, desceu da viatura preta de vidro fumê.

A população e logo após a polícia militar já havia feito a preservação do local do crime.

Junto com a perícia, o delegado do DHPP chegou esbaforido.

Imediatamente a novata, mas competente perita Rose, reforçou o isolamento e a preservação do local do crime, na forma técnica, que havia aprendido na Escola Técnica da Polícia.

Então, se iniciou a perícia de corpo presente.

TRABALHANDO NO CAOS

A novata perita de sapato alto de sola vermelha, da mesma cor de seu batom, ficou intrigada com o tipo de explosão. Aquilo não era comum.

O veículo importado não ensejaria falha técnica a causar a explosão, descartando, de imediato, tratar-se de um simples acidente.

Tudo indicava um homicídio e quem causou a explosão certamente havia feito estágio com algum

grupo terrorista internacional, tamanho o estrago feito, que só não foi pior para o Desembargador, porque o mendigo conseguiu retirá-lo do veículo a tempo, embora ambos foram parcialmente consumidos pelas chamas e intoxicados pela fumaça estranha.

Mas se havia um suposto ato terrorista quanto a morte do Desembargador, era necessário observar que se tratava de um caso de segurança nacional.

Parecia ser bem mais grave do que se pensava.

Corpos e local do crime liberado, o delegado deu início à investigação com sua equipe.

Era tanta gente querendo se meter na investigação que o delegado que acompanhava toda perícia, não sabia mais o que fazer ou quem mais investigar.

Funcionários do gabinete, juízes, promotores, esposa, amigos, amantes e parentes do Desembargador foram ouvidos em tempo recorde, levando o delegado à exaustão mental.

Até os advogados que nos últimos meses tentaram despachar em seu gabinete também foram chamados pelo delegado.

Havia dias que a delegacia parecia um simpósio, de tanta gente e jornalistas ali presentes.

Cansado, o delegado tinha sentimento de trabalhar em meio ao caos. No mais, infelizmente havia outros crimes que precisavam ser apurados que as vítimas certamente não seriam tão importantes quanto o Desembargador, mas não deixavam de ser vítimas e suas famílias também aguardavam a resposta, acreditando que a justiça seria feita somente com a prisão do culpado.

E este sentimento do delegado, que pareceria ser falta de tempo, o consumia diariamente, cumulado pelos inúmeros crimes que assolavam àquela região central e que também precisavam de uma solução.

CORPOS CARBONIZADOS. O Desembargador e o mendigo

Antonio, o homem que limpava cadáveres, somente tinha conhecimento de que aqueles corpos parcialmente carbonizados resultaram da explosão do veículo de luxo.

Eram somente dois corpos e Antonio foi contratado pela mulher do Desembargador, tão logo ficou sabendo do acidente, para acompanhar a necropsia e o embalsamento. Depois, iria vestir o Desembargador com sua toga negra, reconstituir sua face parcialmente queimada, e então preparar o release para os diversos velórios de corpo presente que ocorreria nos próximos dias.

Enquanto se aguardava a necropsia, o auxiliar técnico achou melhor colocar fraldas no corpo do Desembargador pois não parava de sair excrementos de seu ânus como se há muito não defecava, ou se há pouco muito havia comido.

Alguns procuraram a própria morte, Antonio pensou. De alguma forma, consciente ou inconscientemente.

Já com relação ao mendigo que também estava junto com o Desembargador no necrotério do IML, Antonio não conhecia sua história, só se questionou o que o levou a ajudar o Desembargador, tentando retirá-lo do seu veículo que estava incendiando e mais, o que fez o Desembargador para alguém tentar matá-lo por meio tão cruel já que os peritos concluíram só de observar como a explosão ocorreu logo após o veículo ter parado por pane elétrica.

Será que o mendigo era mecânico? Será que conhecia o Desembargador? questionou Antonio.

Eram perguntas sem respostas. Porém, Antonio acreditava que nada acontecia por acaso!

A ENTRADA NO IML

O perito Norberto, já acostumado com a figura de Antonio, não estranhou encontrá-lo na porta do IML

à espera da liberação do corpo do Desembargador Artur.

Antonio ficou conhecido no mundo dos mortos, ou melhor, dos vivos que trabalham com eles, como peritos, agentes funerários, coveiros, tanatopraxista e necromaquiadores, não só pelo cuidado com o corpo sem vida, mas pela sua simpatia e grande conhecimento filosófico.

Amante de livros, nunca se sentia sozinho. Já havia sofrido preconceitos por conta de sua profissão, mas aprendeu que não deveria se fazer de vítima e que às vezes não eram as pessoas que tinham este sentimento hostil, mas sim que ele próprio poderia estar se fazendo de vítima.

Como Antonio nunca gostou deste tipo de atitude, resolveu ler muito e sempre tinha um elogio ou uma palavra amável a dizer para qualquer pessoa.

Então Antonio foi convidado pelo perito Norberto a tomar um café, já que sequer havia iniciado a necropsia do Desembargador, para o qual Antonio, de pronto, aceitou o convite.

No corredor onde alguns cadáveres esperavam a sua liberação, Antonio avistou uma bela mulher negra, vestida de noiva, bem maquiada, mas morta com um tiro no peito. Os bandidos, explicou Norberto, não tiveram respeito nem na porta do terreiro onde se casaria aos sons do atabaque e do berimbau. A família e o noivo, em choque, não conseguiam liberar o corpo e ela estava, sozinha, aguardando o velório no dia do seu casamento.

Ao lado dela, uma avó e duas crianças. Também mortas. Atropeladas por um caminhão. Na verdade, explicou Norberto, a tal velhinha, com pressa, não esperou o sinal verde para ela e atravessou com as crianças. Os três morreram na hora e o motorista, em estado de choque, estava internado no hospital também em estado grave, com risco de morte.

Logo em seguida Antonio viu outra criança. E o perito Norberto explicou que morreu afogada na piscina do apartamento de luxo da família. Pura distração da mãe, que falava no celular com uma amiga. Quando sentiu a falta da criança, ela já estava morta.

Mais dois passos e Antonio viu outro homem, elegantemente vestido, de terno e gravata, com um tiro na cabeça. Norberto apenas comentou como a violência estava grande neste país chamado Brasil e parecia que os governantes não estavam fazendo nada contra isto. Lamentável, frisou Norberto.

A NECROPSIA DOS CORPOS

De forma simultânea, por duas equipes de legistas, mas capitaneada pelo chefe de perícia Doutor Norberto, os corpos foram sendo abertos para constatar se, de fato, a morte era por carbonização, pois poderia perceber – como ocorreu com o mendigo Robércio – que ele estava totalmente drogado, quando decidiu retirar o Desembargador do veículo, na tentativa de salvá-lo do fogo, conforme apurado após retirado o sangue de seu humor vítreo.

Após terem sido lavados na mesa da necropsia, o tronco do Desembargador e do mendigo foram cortados com faca logo abaixo do queixo até a virilha, as costelas também foram cortadas com alicate e

retiradas para melhor observação dos órgãos internos, entre eles, o coração (de pedra) do Desembargador, que há muito não sentia o que era amar de verdade.

Por conta do corpo parcialmente carbonizado, ainda restava partes do terno bem cortado do Desembargador grudado na sua pele, embora tivesse sido lavado.

Depois, foi feito um corte transversal na cabeça de ambos, na direção de orelha a orelha e mesmo com inúmeros diplomas e honrarias, observava que o crânio do Desembargador era igualzinho a do mendigo.

E o delegado que acompanhava aquela perícia, dado o objeto da perícia, se arrepiou ao ouvir o estalo para a abertura da cabeça do Desembargador.

A sorte é que havia uma lata de lixo bem próxima, porque o delegado, que havia comido em seu plantão, uma pizza portuguesa, vomitou dos ovos à azeitona, em um sentimento entre a fragilidade da vida e o objeto da perícia, ou seja, o corpo bem tratado do

Desembargador que ele já havia conhecido pessoalmente, no passado, não muito distante.

Agora era liberar os corpos, velar e enterrar, antes que a podridão dos corpos tornasse insuportável qualquer velório - pensou alto o delegado, o que todos ali concordaram e deram um sorriso malicioso, pois já conhecia a fama do Desembargador como homem durão, mal-educado e sem paciência no trato com outros.

O crânio de ambos foi serrado e extraída a caixa craniana para exames.

Ali, tudo se perdeu. Todas as línguas estrangeiras aprendidas, os livros jurídicos lidos, mestrado, doutorado, pós-doutorado. Nada ali tinha valia. A caixa craniana foi retirada para análise, tal como ocorreu com o mendigo. Simples assim.

A necropsia foi concludente para ambos os casos. Morreram realmente por causa da explosão do veículo, mas peculiarmente pela fumaça estranha que decorreu quando o veículo explodiu.

Foi uma mistura entre corpos queimados e intoxicação pela fumaça.

Com isto, os corpos foram costurados e novamente lavados, para realização de coletas das digitais pelo papiloscopista que, embora os corpos estivessem parcialmente carbonizados, os dedos das mãos ainda estavam intactos do Desembargador, mas não os mendigo, que acabou tendo sua arcada dentária cortada para identificação.

A LIBERAÇÃO DOS CORPOS

Norberto tentaria identificar, com o material colhido dos corpos dos mortos, o tipo de explosivo utilizado no veículo que matara o Desembargador e o solidário e solitário mendigo.

Nervoso, pois sabia quão seria pressionado pela Corregedoria e pela imprensa, Norberto, o melhor perito do país, mal conseguia focar no seu trabalho e foi então que Antonio, aguardando a liberação dos corpos, já que havia sido contratado por Fernanda, a

esposa do Desembargador Artur, acalmou o seu colega de trabalho para que ele liderasse, como sempre fez muito bem, a perícia de ambos os corpos.

Foi então que Antonio ensinou a Norberto um dos segredos milenares do poder meditativo da cabala, com os 72 nomes de Deus, mas ressaltou que era necessário sentir e desejar muito uma conexão com o seu ser interno.

Norberto não estava preocupado somente com sua reputação, mas também desejava fazer um bom trabalho e este desejo impulsionado configurava a realização do poder da cabala.

Foi então que Antonio ensinou a Norberto o poder da meditação.

O objetivo era relaxar, fechar os olhos e respirar profundamente, com o sentir do abdômen e a consciência do seu corpo, para eliminar as tensões existentes, conectando com um centro de paz, bem no meio do peito, na altura do coração.

A meditação faria com que focasse melhor no trabalho. Para que vivesse o presente e fizesse o que tinha de ser feito.

Não tão simples assim, mas era assim que deveria ser feito.

O DESPERTAR DE ANTONIO, O HOMEM QUE LIMPAVA CADÁVERES

A pedido da esposa do Desembargador Artur, Antonio foi acompanhar o corpo de seu marido, parcialmente carbonizado pela explosão do veículo, no IML.

Também acompanharia o corpo na empresa funerária que iria fazer o embalsamento, para então Antonio, com sua técnica e experiência, transformar toda aquela queimadura, em um rosto novo.

Antonio foi acompanhar o embalsamento do corpo do Desembargador para que houvesse alguns rituais. Seriam ao menos quatro, todos de corpo presente,

pelo que ficou sabendo por Fernanda, a esposa do Desembargador Artur.

É claro que se Artur fosse judeu, o embalsamento não seria recomendado, pois seria considerado uma profanação da imagem de D`us. Até porque o velório é feito com caixão fechado.

O embalsamento na religião judaica somente é permitido quando o enterro é feito em outro país ou por alguma exigência governamental. Mas tudo sob a supervisão do rabino.

Porém, no caso do Desembargador, todos os rituais seriam de corpo presente e o que era mais esquisito – pensou Antonio – o caixão escolhido era de vidro blindado, para que todos vissem, por inteiro, o corpo do morto, que seria vestido com sua toga da magistratura.

Tudo, a pedido do próprio morto, conforme documento escrito e em posse da viúva.

O EMBALSAMENTO DO CORPO DO DESEMBARGADOR

A empresa funerária contratada pela viúva Fernanda era experiente em embalsamentos. Ela era uma das poucas que tinha licença para fazer tal procedimento rigoroso quando o enterro acontecia em outro Estado longínquo ou país e o corpo viajaria por algumas horas ou até dias, seja de carro funerário, navio e até mesmo de avião, como se bagagem fosse.

A preservação do corpo, nesses casos, seria uma questão de higiene e segurança da tripulação e demais passageiros, ainda que o corpo morto não tivesse qualquer doença.

Serviço contratado era serviço feito. Mas neste caso, era a primeira vez que o dono da funerária embalsamaria um corpo parcialmente carbonizado para durar quatro diferentes rituais. Seria um trabalho artesanal, com muito cuidado e capricho e seria Antonio, o escolhido pela viúva, para acompanhar todo o procedimento e fazer a

maquiagem e o release ou o discurso nos quatro funerais.

Isto que era adorar sua própria imagem!

De qualquer forma, se era pedido do morto o embalsamento, deveria ser então cumprido, já que isto estava em seu testamento, como sua última declaração de vontade, junto com a divisão de patrimônio, já que sem filhos e casado com o regime de separação total de bens e sem herdeiros necessários, poderia fazer o que quisesse com o dinheiro que economizou ao longo da carreira. E o morto queria morrer Desembargador, de toga e tudo, era este o seu maior desejo.

Ordem dada é ordem cumprida, pensou Antonio. Embora, do outro lado, seja na reencarnação ou na vida eterna, como defende cada religião, o doutor Artur não seria nem tratado e muito menos reconhecido como Desembargador. Seria apenas uma alma ou um espírito, que seria julgado pelo que fez e pelo que deixou de fazer, nos termos da lei de D'us.

Então o embalsamento não levaria para o outro lado sua condição de Desembargador. Mas já que estava sendo pago o serviço, deveria ser realizado, para durar dias o corpo morto.

Nu, lá estava o Desembargador deitado sobre uma mesa de aço inoxidável, para novamente ser lavado, pois ao IML cabia apenas fazer o procedimento de necropsia, entregando o corpo sem ser limpo para um funeral, apenas higienizado, nos termos da lei.

Após a lavagem com desinfetantes e germicidas, as mãos foram colocadas em posição sobre o umbigo e seus olhos e a boca bem fechados. Como no IML, os peritos já tomaram o cuidado de deixar os olhos e a boca do Desembargador fechados, o tanatopraxista, adequadamente vestido com os equipamentos de proteção – EPI's, apenas passou um creme próprio na boca do morto, para evitar que abrisse. Da mesma forma que os olhos, também colocou uma lente especial para manter os olhos eternamente fechados, já que foi encontrado com ambos bem abertos.

Começava então o embalsamento.

O tanatopraxista vestia luvas, avental, óculos de visão panorâmica que facilita a visão por todos os ângulos. Ao lado dele, os instrumentos que utilizariam, ou seja, a pinça dente de rato, o escorpo, a costótola, o enterótomo, o barbante, sondas e o bico de regador.

Ainda sem roupa, foi retirando o sangue e outros fluidos do corpo do Desembargador injetando no lugar, uma solução de água e formaldeído para interromper o processo de decomposição, deixando o corpo interior para que a toga ficasse elegantemente vestida.

Usando uma máquina especial de embalsamamento, o tanatopraxista injetou o fluido especial através de uma artéria do corpo do Desembargador, entre o ombro e o pescoço, com uma incisão de 8 cm para que o cano fosse inserido bombeando o sangue.

Neste caso fez com que seu sangue saísse da veia, para que fosse misturado com um pouco de fluido de embalsamamento, que é um composto de água e formaldeído.

Neste momento, Antonio, sabendo que o Desembargador era uma daquelas autoridades que não se aproximavam de ninguém e era cheio de “não me toques” ou “você sabe com quem está falando?” ou ainda “não tenho tempo para ficar atendendo advogados”, ficou imaginando a revolta do seu espírito ao ver seu corpo morto, sendo tocado por peritos, depois por um tanatopraxista, agentes funerários e depois por ele, Antonio, que sequer tinha formação universitária e apenas sabia falar português.

Ninguém era tão autoridade como ele, um Desembargador e no fim, morto, era tratado com o mesmo respeito que o mendigo que havia sido morto ao seu lado.

Que ironia do destino - falou Antonio em voz alta, o que fez o tanatopraxista sorrir e entender apenas esta frase.

E lá estava sendo o sangue do Desembargador misturado com um pouco do fluido e drenado para o sistema de esgoto.

Sim, o sangue do Desembargador estava sendo enviado para o esgoto, como todo e qualquer sangue de qualquer ser humano que passa pelo mesmo processo de embalsamento. Simples assim.

Cuidadoso, o tanatopraxista entendeu por bem fazer outra incisão próxima ao umbigo do Desembargador para inserir um instrumento cirúrgico denominado trocar, que tem de 5 a 12 mm de diâmetro e é semelhante a uma antena. O instrumento que é acoplado a um aspirador, tem como função retirar gases de fluidos corporais que se acumulam principalmente no sistema digestivo e isto era importante fazer, pois o Desembargador chegou na funerária ainda de fraldas, e pelo seu ânus estava saindo muito excremento.

Depois deste procedimento, o corpo do Desembargador foi lavado novamente e entregue para que Antonio pudesse vesti-lo com sua toga preta e maquiá-lo, para não aparecer nenhuma queimadura em seu rosto e em suas mãos, já que seriam as únicas partes do corpo que ficariam à mostra no caixão de vidro blindado.

Antonio precisou de uma foto recente de Artur. Aliás, do Desembargador, como gostava de ser chamado não só no gabinete, mas em casa, pelos seus empregados, porteiro do prédio, amigos, parentes e vizinhos, inclusive.

Ele tinha orgasmos múltiplos quando Fernanda, sua esposa, no ato sexual mais perverso, sussurrava em seus ouvidos o adjetivo Desembargador pois, para ele, isto era um adjetivo.

EMBALSAMENTO DE CORPOS. TÉCNICA ANTIGA

É fato que esta terceirização para cuidar do corpo já morto, iniciou-se há poucos séculos, mas não o embalsamento, já que os egípcios faziam isto através das mumificações, extraíndo o cérebro do morto pelas narinas e depois extraíam os órgãos internos e intestinos, deixando apenas o coração.

A cavidade aberta era preenchida com especiarias, como ervas aromáticas e durante 40 dias o corpo

morto ficava envolvido com natrão, que é uma substância natural, espécie de mineral, encontrada em algumas regiões e que provoca a perda quase total da água do corpo, evitando o desenvolvimento de bactérias.

Os órgãos extraídos eram lavados e colocados em vasos canopos, cada um com tampa diferente e que eram sepultados junto com o corpo enfaixado com metros e metros de faixa de linho nos tais sarcófagos.

Assim como os egípcios, no passado não muito distante, era a família quem limpava e vestia o corpo morto para o funeral, que muitas vezes acontecia na sua própria residência ou então nas igrejas onde a família de grande posse frequentava.

Porém, por higiene e segurança da família, esta transmissão de serviços ocorreu – de limpeza e vestimenta do corpo morto, o que acabou gerando não só um outro nicho de mercado, com parcerias entre funerárias e floristas, mas também melhor conservação do corpo para o funeral.

O trabalho do tanatopraxista requer muita paciência, principalmente quando por um motivo ou outro, não se conseguia localizar alguma artéria por onde seria a retirada do sangue e fluido do corpo para inserir a solução para sua conservação.

Neste caso, o embalsamento é feito por uma agulha, sendo que a cada meio centímetro do corpo morto, faz-se um furo para a saída do fluidos e evita-se a permanência do odor desagradável que normalmente é exalado para aqueles que estão já sem vida. Mesmo que o morto tenha usado perfumes caros e importados durante sua vida, é na morte que a podridão do corpo não tem piedade. O odor é desagradável.

O trabalho do tanatopraxista persiste não só em cuidar do corpo morto, mas preservar a vida daqueles que irão prestar as últimas homenagens àquele que já se foi, pois o embalsamento previne doenças transmissíveis que muitas vezes estão impregnadas e que muitos sequer sabem que possuem o vírus, tais como AIDS e tuberculose.

Mas Antonio aprendeu somente a ser necromaqüador. Não porque aprendeu e gostou deste ofício, mas ele se sentia um artista. Foram tantos os cadáveres que maquiou, retirando aquela figura de morto do rosto, transformando em uma pintura, digna de quadro de grandes pintores.

Quantos não foram os mortos que precisavam de diversas espécies de maquiagem, para não ter o velório com caixão fechado.

Alguns cadáveres com tiros no rosto, seja em assaltos ou por brigas ridículas por bebedeiras ou então por egos mal resolvidos.

Mulheres que morreram de tanto apanhar no rosto pelo marido e que não tiveram tempo de serem salvas pela Lei Maria da Penha, seja por ineficiência da própria lei, por culpa das autoridades, por falta de cultura do agressor normalmente machista ou então porque a própria vítima não se deu conta do perigo que corria, muitas vezes sendo omissas por não terem condições ou serem motivadas a buscar seu próprio sustento e de seus filhos, ficando à mercê de seu algoz.

Crianças mortas com rostos transfigurados pela dor do abuso sexual, muitas vezes ocorridos por comportamento omissivo ou agressivo de seus próprios familiares.

Idosos que também apanhavam no rosto pelos seus cuidadores irresponsáveis e sem técnica alguma e que muitas vezes eram membros de sua própria família.

E mesmo o Desembargador tinha tanta cultura e honrarias, não se livrou da morte violenta.

O CUIDADO DO CORPO MORTO PELAS MÃOS **DE ANTONIO**

A família do Desembargador, sabendo que o mendigo morreu somente por estar na hora e lugar errado, tentando ajudar a apagar o fogo do veículo de Artur, e não encontrou ninguém de sua família, decidiu, ao menos, que Antonio limpasse ambos, em que pese Robércio já estar programado para ser enterrado

como indigente, pois suas digitais não puderam ser detectadas, não só pela queimadura, mas seus meses de rua e como usuário de crack, já haviam corroído sua identificação.

No mais, tratava-se de um mendigo e o Estado não ia perder tempo nem dinheiro para levantar informações desnecessárias.

Isto deixara Antonio triste, pois este morto seria enterrado sem release.

E enquanto conversa com o mendigo morto, conseguia ouvir o arrastar de um chinelo pela sala, de algo ou alguém impaciente com o choro compulsivo de Alexandre, o assistente do Desembargador.

O arrastar do chinelo era do espírito de Robécio, o mendigo morto, que já estava sentindo o efeito da abstinência do crack, até porque ele não entendia que estava morto e nem mesmo reconhecia os corpos carbonizados que Antonio limpava.

Ele também não entendia o que fazia ali.

Cada corpo um ritual.

Exceto pelo respeito e pela higienização que era de praxe, Antonio, com a sensibilidade que alcançara, sentia que cada corpo necessitava de uma oração diferente, como foi com Marcela e Issac, os primeiros trabalhos que realizou e passou a amar profundamente a profissão.

Sabia quão importante era o seu trabalho. E agradeceu a Deus pela escolha.

Ao olhar o Desembargador e o mendigo, na mesma sala, ambos para serem limpos após sua morte por carbonização e queimadura, Antonio não entendia a ligação que eles tinham, além da ajuda que o mendigo Robércio deu ao Desembargador, antes de seu carro explodir.

Havia algo a mais que ele sentia, mas não conseguia entender. E então orou para ambos, antes de mexer em seus corpos.

O PRIMEIRO RITUAL. A HOMENAGEM DE CORPO PRESENTE AO DESEMBARGADOR MORTO

É claro que Antonio sofria preconceitos quando perguntavam sobre sua profissão, mas ele era a última pessoa que tocava naqueles corpos, muitas vezes cheios de títulos e honrarias. Portanto, aquele ritual ao qual havia sido convidado não lhe causava estranheza.

O local era bem diferente do que já frequentara. Por fora, parecia a maquete de um gigantesco templo.

Lugar sombrio, gelado e escuro demais para se fazer um ritual simbólico a um Desembargador que havia falecido, vítima de uma explosão em seu belo carro.

Mas convite feito e aceito por Antonio, que decidiu participar de algo novo, após participar do embalsamamento do corpo de um Desembargador e cuidar de seu corpo morto.

Antonio chegou de táxi e logo fora recebido por um homem de trajes escuros, com menos de um metro e meio, e com um cálice de água aromatizada, contendo gengibre, bom para curar o enjoo que certamente Antonio iria sentir, bem como laranja, que tem o flavonoide hesperidina, que melhora a circulação.

O enjoo não era pelo corpo do Desembargador morto, até porque fora Antonio que havia não só o limpado e vestido, mas ajudado ao técnico da necropsia e depois ao tanatólogo a fazer o embalsamento, como também pela insistência em adorar um corpo já morto.

Porém, neste caso, Antonio aprendeu algo novo, pois o corpo do Desembargador seria embalsamado para durar muitos rituais, antes de ser cremado.

É que seus melhores amigos acreditavam que o espírito se desligava do corpo cadavérico após 72 horas e certamente, no caso específico do Desembargador, não só por ser um homem das leis e de pouco espírito, mas porque certamente iria aguardar todas as homenagens e rituais dos quais tinha direito.

Como bem explica Emmanuel, no livro **O Consolador**, psicografado por Chico Xavier, quando lhe perguntam se o Espírito desencarnado pode sofrer com a cremação dos elementos cadavéricos, a resposta é a seguinte: *"Na cremação, faz-se mister exercer a caridade com os cadáveres, procrastinando por mais horas o ato de destruição das vísceras materiais, pois, de certo modo, existem sempre muitos ecos de sensibilidade entre o espírito desencarnado e o corpo onde se extinguiu o tônus vital, nas primeiras horas seguintes ao desenlace, em vista dos fluidos orgânicos que ainda solicitam a alma para as sensações da existência material"*.

O anfitrião iniciou a condução de Antonio no templo.

Depois de beber a água oferecida no cálice, lá estava ele descendo as escadas daquele lugar sombrio, com um candelabro iluminado por velas. Nada mais arcaico.

A escada era feita de pedra, algo rústico. Sua parede era de pedra e para quem descia, de seu lado direito escorria água e do lado esquerdo, muito próximo à cabeça dos obreiros e daqueles que ousavam a descer para o local onde Antonio estava sendo conduzido,

havia várias esculturas, com representação do Calvário.

A cada degrau, Antonio sentia-se arrepiar. Lugar sombrio e com uma energia vibrante. Algo que nunca sentiu antes. Entendeu por que da água aromatizada, pois percebeu seu estômago embrulhar.

Só não entendeu por que em um cálice.

O lugar tinha um cheiro forte. Muito místico. Parecia algo visto somente em filmes medievais.

Quando terminou de descer os intermináveis degraus, Antonio se viu em uma parecida clausura monástica. Também só vista em filmes.

A primeira visão que Antonio teve foi de um bezerro de ouro, onde todos aqueles que o acompanharam fizeram uma referência ao objeto antes de adentrar a sala principal.

Ali havia mais de trinta homens, todos trajados de togas pretas com capuz da mesma cor. Não dava para identificar rostos e nem suas vestimentas internas.

Somente sapatos e os contornos dos rostos que ficavam de fora, que, por conta do capuz, eram de difícil identificação.

Antonio foi conduzido à sala principal, e os tais mais de trinta homens ficaram guardando na porta de entrada.

Já na sala principal, iluminada apenas com velas acesas em candelabros do mesmo tamanho que seu anfitrião, já se encontrava outros mais de trinta e seis homens, também encapuzados de preto.

No centro da sala, um caixão de vidro. Só que pela grandiosidade do morto, sabia que era o Desembargador que estava ali dentro.

Todos em círculo, em volta do caixão, os homens encapuzados com suas togas aguardavam o mestre de cerimônia autorizar o início daquele ritual.

Um dos homens, com barba branca e bengala em uma das mãos, se aproximou do caixão, e contou o número de presentes em voz baixa, e por algum motivo que Antonio não sabia explicar, pareciam que

estavam separadas por tribos, pois em seus pulsos, havia uma pulseira com características diferentes umas das outras, mas que pareciam ter ligação por ordem crescente.

O tal homem então bateu com sua bengala no chão por três vezes e foi o suficiente para que os trinta e seis homens se dividissem em doze grupos, com três em cada grupo, um atrás do outro.

A sintonia de arrumação de fila foi tão rápida, que bastou doze segundos para que tudo estivesse pronto para o ritual de homenagem ao morto.

Havia um silêncio, que tinha como objetivo naquele momento o despertar da consciência. O estar presente naquele ritual, onde o único barulho que poderia se ouvir, eram as águas escorrendo na parede de pedra.

Ritual completado e breve, disponibilizando o corpo do homem morto. No caso o Desembargador, para sua próxima homenagem no terreiro que Fernanda, sua esposa, frequentava, já que os funerais são feitos

para os vivos e não necessariamente para os mortos, pensou Antonio.

OS DEMAIS RITUAIS FÚNEBRES DO DESEMBARGADOR

Além do terreiro onde Fernanda, sua mulher, frequentava, os irmãos do Desembargador decidiram fazer outros dois rituais, sendo um no Palácio da Justiça, utilizando o antigo salão do júri, que comportaria seus colegas de profissão e amigos e o outro, em seguida, reservado aos familiares na capela do cemitério, onde a família tinha um mausoléu.

E assim ocorreu. Todos os rituais com corpo presente, que chocou pela forma que o caixão transparente guardava o corpo, sem flores. Somente o corpo.

O velório no Palácio da Justiça contou com a grande quantidade de curiosos, que foi aberto também ao público.

Já fazia dois dias que o Desembargador havia morrido e este era o penúltimo velório com seu corpo presente.

Como estava embalsamado, não havia cheiro e seu rosto, muito bem maquiado por Antonio, mal dava para perceber o acidente fatal.

Uma tragédia, como se ouvia durante o velório.

Choros e conversas altas se misturavam a algumas risadas. Visitantes do funeral que lembravam histórias envolvendo a figura do morto. Não que aquilo fosse um desrespeito, mas uma homenagem feita fora de propósito.

Sem flores no caixão, o Desembargador aparecia com sua longa toga preta, da forma como queria ser velado e um belo par de sapatos italianos e bem engraxados.

O DESEMBARGADOR ARTUR

Artur, o Desembargador, como gostava de ser chamado, era um homem extremamente elegante.

Apesar de já ter passado dos 60 anos, ainda era muito charmoso.

Porém, era um homem sem muitas reflexões sobre a vida. Não interpretava a lei, apenas a fazia cumprir nas redações de seus acórdãos.

Oposto a tudo isto, estava seu assessor de gabinete. Alexandre era um jovem e belo rapaz. Formado há poucos anos, mas de uma competência e conhecimento ímpar.

Sabia que para exercer sua aptidão, não precisava de rigidez nas palavras e que a seriedade no comportamento afastaria as pessoas e não deixaria que a vivência fizesse uma interpretação justa da lei.

Além disso, Alexandre costumava se consultar com oráculos, em especial o de Apolo, que aprendeu lendo livros antigos.

Alexandre tinha duas paixões. O trabalho com idolatria ao Desembargador Artur e o seu próprio corpo, que cultivava passando suas horas vagas na academia de ginástica. Para ter um bíceps e tríceps e mais outros músculos ressaltados, dividia seu treino pela manhã, bem cedo, antes de ir ao trabalho e após seu expediente no gabinete.

Quando não estava nos aparelhos de musculação ou na esteira, estava de abadá, jogando capoeira.

O toque do atabaque e o som do berimbau o ajudava na elevação de seu espírito e o facilitava na leitura dos oráculos.

Era um misto de misticismo e realidade.

Embora com personalidades opostas, o Desembargador e o seu assessor de gabinete Alexandre se completavam. O que tinham em comum era a beleza. Nada mais.

Homem cético, o Desembargador Artur tinha uma vida regrada que se resumia entre casa e trabalho. Mais trabalho do que casa, o que deixava sua esposa Fernanda com um ciúme ensurdecedor.

Ela acreditava piamente que seu marido tinha uma amante, que deveria ser uma dessas advogadas qualquer que tem o hábito de ficar despachando em gabinete de Desembargadores com o intuito de criar um vínculo mais íntimo.

De qualquer forma, não era isto que ocupava o Desembargador Artur, já que ele não tinha hábitos cordiais e muito menos de atender adequadamente os advogados.

Adorava ser reconhecido como Desembargador e no Tribunal era mais facilmente reconhecido, daí porque gostava de ali ficar.

Eram as escolhas que determinavam o modo de sua vida.

E a vida é uma só, estragando essa, não há mais muito o que fazer.

E entre viagens internacionais, vinhos e restaurantes caros com os demais colegas Desembargadores, Artur gostava mesmo era do *status* de autoridade.

O MENDIGO ROBÉRCIO

O mendigo, antes mecânico, se achava no passado bem distante, um homem talentoso, competente.

Tinha sua firminha de mecânica, cobrava o valor justo e vivia bem com sua mulher e seus quatro filhos.

Ainda bebê, Robércio veio de uma região da Rússia chamada Bessarabia, hoje República Moldova, localizado entre a Romênia e a Ucrânia.

De origem judaica, sua família, que morava em uma aldeia, fugiu da fúria dos idealistas do Czar, que ainda perseguiram os judeus em decorrência do

pogrom, que deflagrou por conta da morte de uma criança cristã, em que sua família dizia ter sido vítima de judeus para o ritual da extração de seu sangue para fabricação da matzá.

Com medo da Okhrana, que era a polícia secreta russa, sua família resolveu vir ao Brasil, que era o país mais fácil para receber imigrantes e refugiados.

Afastou-se do judaísmo e nunca mais leu a Torá.

Deixou de respeitar os 10 mandamentos que Moisés havia recebido no Monte Sinai e cometeu uma das maiores infrações. O adultério.

Seria desnecessário trair sua esposa, mas a carne é fraca e a mulher também não se ajudava. Estava sempre malvestida, mal-humorada. Não usava uma única maquiagem. Engordara. Não praticava esportes. Não fazia uma única caminhada. Também não queira saber de trabalhar. Ter uma carreira. Ficava o dia inteiro em casa sem fazer nada. Mal limpava a sua residência.

Resultado. Foi trocada pela primeira lambisgoia de shortinho apertado e blusa justa que apareceu na oficina.

E Robércio se deixou levar. E foi levado para o buraco, pois a tal lambisgoia acabou com seu casamento. É claro que ele teve grande participação, e sua mulher também.

É que sair da zona de conforto é difícil e realmente é complicado tomar uma atitude para encarar mudanças.

Mas já tinha ido tudo para o buraco. Dividiu-se o pouco que tinha e quando se deu conta, já havia sido condenado à uma pensão alimentícia impagável.

Era impossível pagar o valor determinado pelo juiz e pior, majorado pelo Tribunal de Justiça, tendo como relator o Desembargador Artur. E quando Robércio deu por si, já estava sendo preso porque não conseguiu honrar a pensão.

O processo de divórcio mais o arbitramento de alimentos havia sido tão dolorido, que Robércio se

sentia incompetente e inseguro profissionalmente. Tentou procurar o Desembargador Artur para explicar a situação. Mas este, que nem mesmo atendia advogados, não iria se ocupar com um cidadão comum.

Essas questões psicológicas o abalaram tão profundamente que lhe causou a bancarrota. Daí que fechar sua oficina, devolver o imóvel ao proprietário e passar a morar nas ruas, não levou muito tempo.

Morando nas ruas, o acesso fácil às drogas e o lixo farto jogado nas calçadas, não lhe trazia muita dificuldade para a alimentação e venda do material para comprar drogas.

Robércio já não era mais ninguém. E para àqueles que não acreditam na vida após a morte, nada mais fazia sentido naquele momento.

Foi levando na forma que dava.

Deprimido. Doente da alma e do corpo, não tinha amigos. Seus companheiros de droga e de cachaça não tinham condições de ajudar nem a si mesmos.

E Robércio se viu só.

Esqueceu-se Robércio de que quando Deus tem adeptos, o diabo fica enfurecido e para ganhar a batalha, se transforma em uma pequena pedra, de cor amarela, ganhando corpo quando cada usuário de crack a consome.

E o diabo ia ganhando adeptos. Legiões de usuários, entre eles Robércio que lutava diariamente entre o bem e o mal.

O mendigo, além de não se esforçar a querer melhorar, sentia-se incomodado com a vergonha do homem que se tornara e esqueceu de uma das parábolas contadas sobre o filho de um rei que tinha ido para o mau caminho e seu pai havia lhe mandado uma mensagem para que voltasse a viver ao seu lado. Como estava envergonhado, avisou o motivo da sua negativa e então seu pai lhe disse: “Volta até onde conseguires, e eu irei encontrar-te no restante do caminho”.

Mas Robércio não foi.

O PROCESSO DE ALIMENTOS E A CONDENAÇÃO DO MENDIGO

Os alimentos provisórios inicialmente em que Robécio foi condenado a pagar para sua ex-mulher que nunca havia trabalho e para seus filhos, deixou a ele e seu advogado extremamente preocupados.

Recursos judiciais foram interpostos, mas sem sucesso.

Aguardava-se, de forma ansiosa, o deslinde do processo, no qual o advogado providenciava todo o necessário para provar que Robécio não tinha condições financeiras de pagar o valor arbitrado.

Mas nada deu resultado.

O advogado se sentiu incompetente, já que não conseguiu ajudar Robécio. Não entendeu no que poderia ter falhado, já que o Desembargador Relator

do processo nem mesmo quis ouvi-lo. E a prisão de Robércio foi fatal.

A culpa não era do advogado, mas do sistema, que não queria ver a realidade dos fatos, de forma pontual.

A DECADÊNCIA DE ROBÉRCIO

Depois de cumprir os 30 dias de prisão e se ver sem lar e sem sua oficina, Robércio foi procurar sua ex-mulher.

O intuito não era enfrentá-la, nem mesmo que ela visse sua decadência. Magro e apático.

Na verdade, Robércio não tinha mais ninguém e ela foi a única opção, quando se viu sem nada.

Ao bater à sua porta e por ela identificado ao abrir a cortina da sala, sua ex-mulher começou a gritar que ele era bandido, ladrão, mau caráter e incompetente.

Robério já estava se sentindo um péssimo ser humano, mas isto foi a gota d'água para transformá-lo em um mendigo e viciado em pedrinhas detonadoras do crack.

Era um caminho sem volta.

O LUTO DA PRÓPRIA VIDA

A mania de reclamar e querer sempre mais. Isto por si só já é o luto da vida. Gastar energias com pensamentos negativos, isto também atrapalha o desenvolvimento mental e energético.

O sentimento de não ter recebido o suficiente do universo e a ausência de gratidão, gerou para ambos – Desembargador e o mendigo – uma vida sem propósitos.

O primeiro, o Desembargador, por conta de seu cargo, entendeu que o seu poder era o suficiente, mas não pensava no aspecto verdadeiro da Justiça.

Cumpria metas. Julgava sem amor. Não conhecia a essência do que fazia.

Já o mendigo, faltou aproveitar os obstáculos da vida e buscar a luz.

O ENCONTRO DO DESEMBARGADOR E O
MENDIGO.
A HORA DA MORTE

Com sua condenação e prisão, Robércio sem bens ou lugar para ficar, descobriu que já não tinha forças para lutar.

Tudo lhe pareceu muito estranho. Já não tinha vontade nem mesmo de ser mecânico.

Percebera quanto era fraco e que não gostava de desafios. Era comodista.

Não era preguiçoso para o trabalho. Poderia ficar trabalhando sem sentir-se cansado. Mas depois da prisão, sentiu-se tão desanimado como se tivesse

apagado uma luz, já não mais tinha vontade de trabalhar. É como se esquecesse tudo o que fizera.

Não lia mais nada sobre o assunto. Já não mais sentia paz de espírito.

Durante a prisão, fez uma retrospectiva de sua vida e percebeu quantos erros cometera, e então se deu conta por que não progredia financeiramente. E constatou que não tinha talento para a mecânica. E percebendo que não sabia fazer mais nada, se viu envolvido com os demais mendigos nas ruas imundas do centro de São Paulo.

Há pessoas que não sabem lidar com adversidades, perdas, erros. Não aceitam tudo isto como desafio para uma nova etapa de fortalecimento interno e externo.

Não há como culpar essas pessoas. A criação e o meio em que viveram ajuda a ter medos, traumas, inquietações.

Uns desistem e outros insistem na jornada, afastando o medo com a oração e o trabalho. É o não desistir de “orar e vigiar²”.

Mas Robércio desistiu e foi parar nas ruas. Acreditou não ter talento para nada mais. Ser um imprestável.

Nas ruas conheceu o crack e a bebida forte. Cachaça pura nunca havia experimentado. Ele era adepto a refinadas cervejas artesanais, o gosto que nunca mais sentiu em sua boca.

E foi nas madrugadas do centro de São Paulo que viu coisas estranhas. Aprendeu a andar pelos esgotos da cidade através dos buracos deixados pela Prefeitura.

Nas noites escuras, presenciou rituais de magia. Observou, mas não orou.

Homens vestindo capas. Mulheres pintadas e tocando tambor.

² “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca” (MT 26:41)

Robércio, o mendigo – havia perdido tudo, inclusive sua dignidade. Já não mais se sentia homem, profissional, ser humano. Era um mendigo.

Ninguém se preocupava com sua presença até que incomodasse alguém com seu mau cheiro ou a sujeira que deixava, seja defecando ou pelo lixo que revirava.

Cheio de feridas por dentro e por fora. Era assim que Robércio estava.

Um homem sem expectativas. Se viu em um poço sem fundos. Sem nada.

Mas foi naquele carro parado, com foco de incêndio, em uma rua perigosa, já tarde da noite, que decidiu ajudar o homem engravatado, sem ter a idéia de que era o Desembargador que mandou decretar sua prisão por falta de pagamento de pensão alimentícia e que sequer analisou seu processo com acuidade, julgando na vala comum de pais que supostamente não querem pagar pensão alimentícia aos seus filhos menores.

E morreu junto com ele, o seu algoz.

OS CULPADOS PELO CRIME

Depois de muita pesquisa, a perícia conseguiu constatar que se tratava de homicídio por conta da fumaça tóxica, nem tanto pelo fogo. Mas não se chegou aos culpados.

A família de sangue do Desembargador, que ficou sem seus bens, acreditava que era a mulher do Desembargador a culpada, pois Fernanda ficou com todo o seu patrimônio, pois assim estava escrito em seu testamento, bem como com a sua pensão.

Pensão de um Desembargador morto.

Fernanda frequentava lojas caras, shoppings. Fazia viagens internacionais. Comprava maquiagens. Estava sempre montada com sapatos altos e roupas de grife.

Fernanda vivia sorrindo, mas com a dor profunda de um amor perdido, morto após a explosão de seu veículo.

Simplesmente tudo se perdeu!

E assim acabou a vida do Desembargador, morto ao lado do mendigo, no saco preto para mortos a caminho do IML.

A perícia concluiu que o material utilizado para explosão do veículo era comercializado apenas por terroristas, mas não se chegou a um culpado e nem mesmo ao motivo do crime.

Constatou a perícia que o artefato falhou, pois o que estava instalado no carro do Desembargador morto certamente explodiria o quarteirão inteiro onde o carro pegou fogo.

Desconfiou-se que o objetivo não era apenas o Desembargador Artur, mas era o prédio onde ficavam os gabinetes, pois era rotina em todas as sextas-feiras, por motivos desconhecidos, Artur não usar o motorista do Tribunal e sim seu veículo luxuoso, que

passava a tarde toda estacionado na garagem interna do prédio, na Rua Conde de Sarzedas.

E ninguém foi preso, e, embora o delegado e sua equipe tivessem se dedicado ao caso, acionando, inclusive equipes da segurança pública nacional, pois o alvo era bem maior que um único Desembargador, nada foi conclusivo.

E a própria Justiça foi alvo inconclusivas apurações criminais.

FIM !!!!